

MARINHA *em Revista*

Ano 02 • Número 05 • Agosto 2011

www.mar.mil.br

Mostrando nossa Força



Brasil no alto do pódio nos 5º Jogos Mundiais Militares



Operação
“UNITAS LII”

p.4

Operação “ÁGATA 1”
segurança na fronteira

p.10

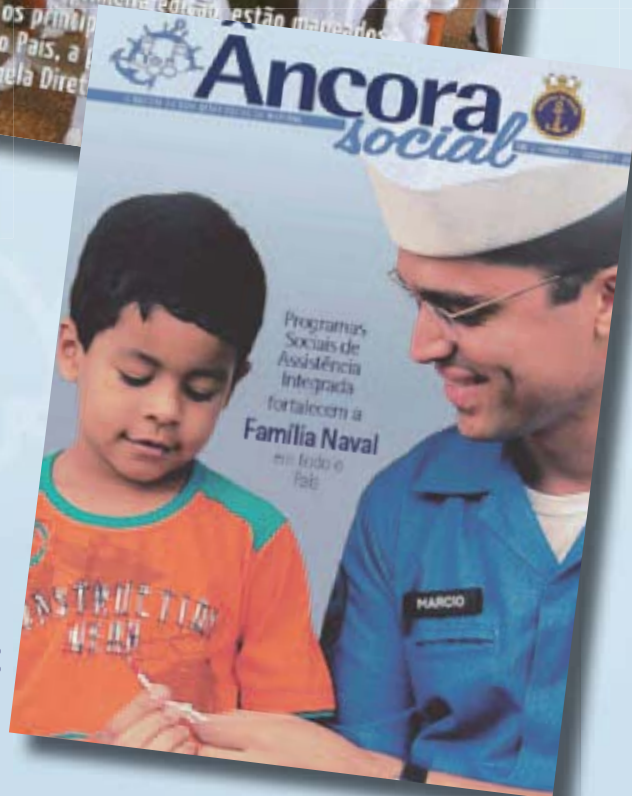
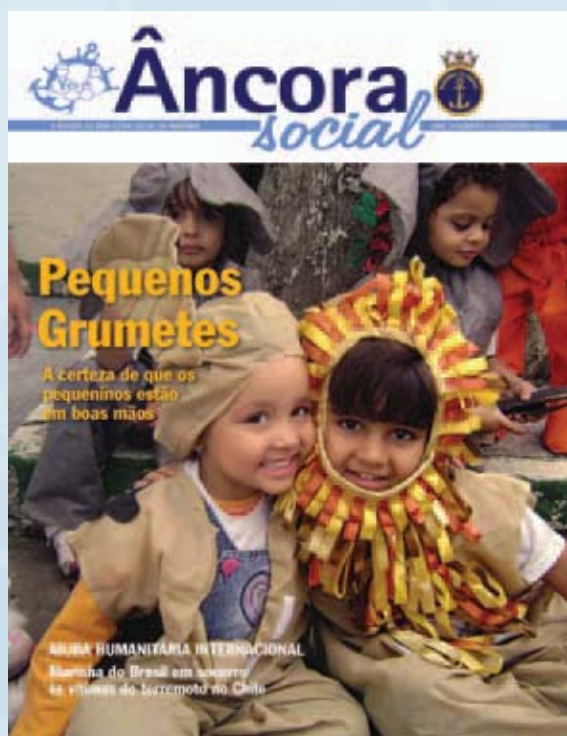
Muito estudo e disciplina - a rotina dos
alunos do Colégio Naval

p.15



Âncora *social*

***A revista do bem-estar
social da Marinha***



**Conheça a revista no site:
www.mar.mil.br**



Mantendo o propósito de ampliar a divulgação das atividades da Marinha do Brasil, chegamos à 5ª edição da **Marinha em Revista**, cumprindo um processo de evolução do periódico, angariando assíduos leitores que, regularmente, contribuem com nosso trabalho, revelando anseios sobre temas de interesse que gostariam de ver abordados nas suas páginas.

Dessa forma, a atual edição traz a trajetória vitoriosa de nossos atletas na conquista do primeiro lugar nos 5º Jogos Mundiais Militares, bem como o profícuo preparo na organização e execução daquele que foi o maior evento esportivo militar já realizado no País.

A relevância da aplicação do Poder Naval em Operações Navais é ressaltada em matérias, como a Operação “UNITAS LII”, na qual a interoperabilidade com outras marinhas é sistematicamente treinada, e a Operação “ÁGATA 1”, onde a importância da manutenção da segurança nas fronteiras é mostrada em cobertura feita por nossas equipes.

Em outra abordagem, uma importante etapa da formação do pessoal é trazida ao leitor, com descrição sucinta do dia a dia dos alunos do Colégio Naval, Instituição de Ensino Médio que a Marinha dispõe na cidade de Angra dos Reis, litoral sul do Rio de Janeiro, berço de boa parte da oficialidade de nossa Marinha. Relatamos, ainda, nesta edição, a participação da Força na maior feira de defesa da América Latina, a *Latin America Aero & Defence* – 2011 (LAAD), realizada no Rio de Janeiro.

Na editoria Tarefas Especiais da revista, a matéria sobre a Seção de Combate a Incêndio do Arsenal de Marinha do Rio de Janeiro traz à tona o fato de ter sido aquele o primeiro órgão público oficial do País responsável pela extinção de incêndios. Na vertente histórica, relembremos a participação da Marinha do Brasil na “Campanha do Atlântico”, ao longo da Segunda Guerra Mundial. E, na editoria Gente de Bordo, publicamos uma entrevista com o Mestre da Fragata “Independência”.

Portanto, em busca de conhecimentos mais abrangentes, em prol do despertar da “Mentalidade Marítima”, convido a todos para uma boa leitura.

Almirante-de-Esquadra Julio Soares de Moura Neto
Comandante da Marinha



Marinha em Revista é um periódico da Marinha do Brasil, elaborado pelo Centro de Comunicação Social da Marinha.

Comandante da Marinha
Almirante-de-Esquadra Julio Soares de Moura Neto

Diretor do Centro de Comunicação Social da Marinha
Contra-Almirante Paulo Mauricio Farias Alves

Vice-Diretor do Centro de Comunicação Social da Marinha
Capitão-de-Mar-e-Guerra Eduardo Machado Vazquez

Assessor de Produção e Divulgação do
Centro de Comunicação Social da Marinha
Capitão-de-Fragata Rogerio da Rocha Carneiro Bastos

Assessor-Adjunto de Produção e Divulgação do
Centro de Comunicação Social da Marinha
Capitão-de-Corveta Marcus Teixeira da Silva

Jornalista responsável
Capitão-Tenente (T) Felipe Picco Paes Leme

Organização do material editorial
Capitão-Tenente (T) Felipe Picco Paes Leme

Revisão
Capitão-de-Fragata Rogerio da Rocha Carneiro Bastos

Projeto editorial
Centro de Comunicação Social da Marinha

TDA Brasil
www.tdabrasil.com.br
Projeto gráfico: **João Filipe de Souza Campello**
Direção de arte e diagramação: **Rael Lamarques**



Fotografias
**Arquivos da Marinha do Brasil
e colaboradores**

Foto da capa
Suboficial (CN) Edson Tenório Silva

Tiragem
40.000 exemplares

Impressão e distribuição
Qualytá Gráfica e Editora

**Centro de Comunicação Social
da Marinha**
Esplanada dos Ministérios, Bl. N,
Anexo A, 3º andar
Brasília • DF • CEP 70055-900
Telefone (61) 3429-1831
Brasília, agosto de 2011.
www.mar.mil.br
faleconosco@ccsm.mar.mil.br



BRASIL NO ALTO DO PÓDIO NOS 5º JOGOS MUNDIAIS MILITARES

20

Operações

Operação “UNITAS LII”

4

Reportagem

Operação “ÁGATA 1”

segurança na fronteira

10

Carreira Naval

Muito estudo e disciplina -

a rotina dos alunos do

Colégio Naval

15

Eventos

LAAD 2011

29

Tarefas Especiais

Tradição em heroísmo

33

Gente de Bordo

Suboficial (MR) Eudonor

Vicente Demostines Rodrigues

38

Artigo

Parcerias Estratégicas em Ciência,
Tecnologia e Inovação (CT&I)

39

História Naval

A Marinha do Brasil na

“Campanha do Atlântico”

41

Operação “UNITAS LII”

Por Segundo-Tenente (RM2-T) Fernanda Gomes Motta
Fotos: Primeiro-Sargento (CP) Edmilson Coelho Auto

A Operação “UNITAS LII” é uma das principais operações conjuntas que a Marinha do Brasil participa. Este ano, foi realizada entre os meses de abril e maio e uma equipe do Centro de Comunicação da Marinha embarcou na Fragata “Independência” (F44) para acompanhar o exercício.

A UNITAS teve como propósitos principais incrementar a interoperabilidade entre as Marinhas das Américas, contribuir para a manutenção das boas relações diplomáticas e estreitar os laços de confiança mútua, constituindo-se, assim, como um dos marcos da solidariedade hemisférica do continente.

O Grupo-Tarefa (GT) da Marinha do Brasil foi composto pelas Fragatas “Niterói” (F40), “Constituição” (F42), “Independência” (F44) e “Bosísio” (F48), Navio-Tanque “Almirante Gastão Motta” (G23), Submarinos “Tamoio” (S31) e “Tikuna” (S34), um helicóptero de ataque AH-11A “Super Lynx” e dois helicópteros UH-12 “Esquilo”.

O Grupo-Tarefa (GT) da Marinha do Brasil foi composto pelas Fragatas “Niterói” (F40), “Constituição” (F42), “Independência” (F44) e “Bosísio” (F48), Navio-Tanque “Almirante Gastão Motta” (G23), Submarinos “Tamoio” (S31) e “Tikuna” (S34), um helicóptero de ataque AH-11A “Super Lynx” e dois helicópteros UH-12 “Esquilo”.

O Contratorpedeiro ARA “Almirante Brown” compôs o GT argentino. No GT norte-americano estavam as Fragatas USS “Boone” e USS “Thach”, o Contratorpedeiro USS “Nitze” e o Navio da Guarda Costeira norte-americana USCGC “Escanaba”, enquanto o México empregou o Navio-Patrolha Oceânico ARM “Baja California”.

EXERCÍCIOS

A operação foi dividida em duas fases. A primeira ocorreu entre 19 e 26 de abril, na área marítima compreendida entre Salvador (BA) e Rio de Janeiro (RJ), e a segunda, de 2 a 9 de maio, entre o Rio de Janeiro (RJ) e Rio Grande (RS).



Almirante Resende cumprimenta Oficial da Marinha norte-americana

Este ano, participaram navios, submarinos e aeronaves da Argentina, Brasil, Estados Unidos da América e México, além de observadores do Chile, Colômbia, Peru e Portugal. No total, 2.300 militares, sendo 1.200 brasileiros.



Capitão-Tenente Marcelo Werneck cumprindo a sua rotina de bordo

Foram realizados exercícios de guerra antissubmarino, de superfície e de defesa aérea, além de tiro real com canhões, lançamento de mísseis e simulação de conflitos entre forças navais.

“É uma operação complexa, onde são realizados exercícios, como o confronto de forças. Na ocasião, os navios foram divididos em dois GT, um comandado pelos norte-americanos e outro pelos argentinos,

tornando possível a avaliação da execução das atividades por todos os participantes”, explicou o Contra-Almirante Carlos Augusto de Moura Resende, Comandante da 1ª Divisão da Esquadra.



Militares participam de exercício durante a Operação “UNITAS LII”



**“O lançamento do míssil revestiu-se de grande importância, pois além de atuar na qualificação e treinamento da tripulação, também testou a capacidade dos equipamentos utilizados pela Marinha do Brasil”.
Capitão-de-Corveta Fajard**

remotamente controlado conhecido como *drone*, ocasião em que os navios utilizaram os seus sistemas de armas e efetuaram tiros de canhão em direção ao alvo, enquanto a Fragata “Independência” lançou o míssil superfície-ar “*Aspide*”.

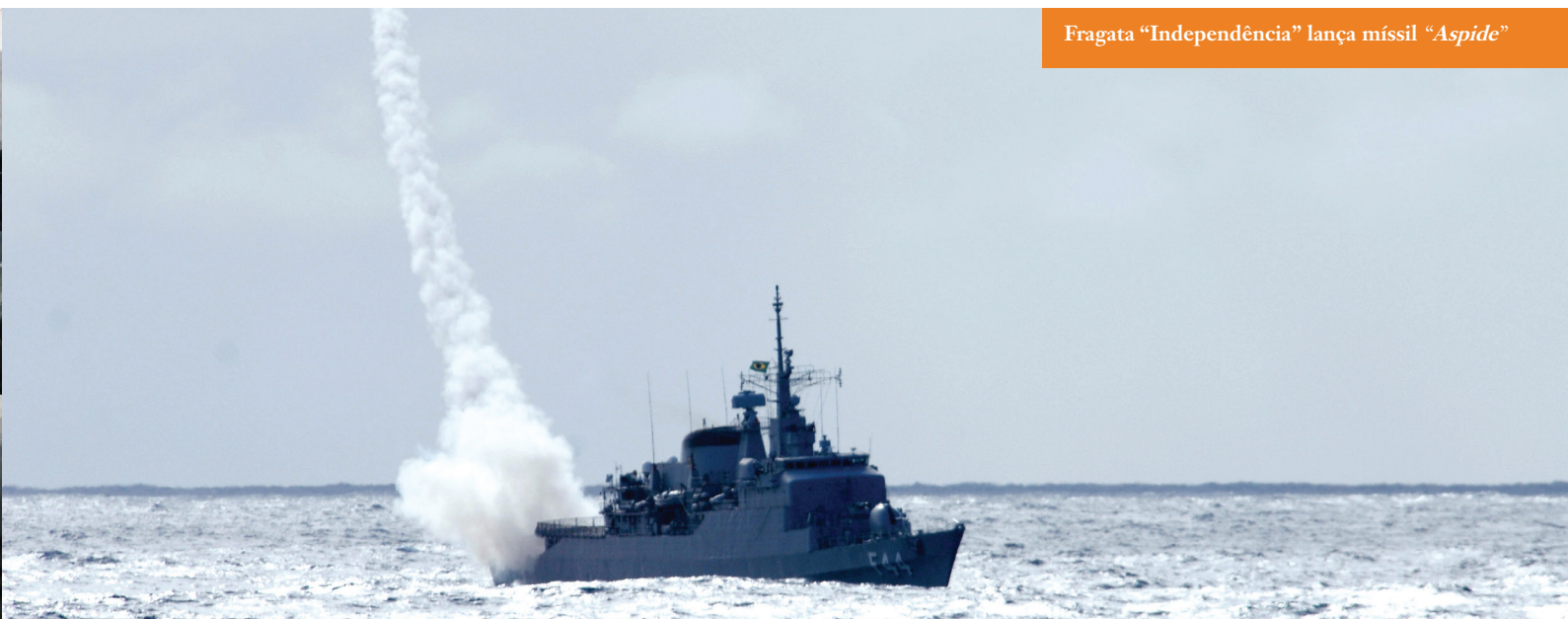
“O lançamento do míssil revestiu-se de grande importância, pois além de atuar na qualificação e treinamento da tripulação, também testou a capacidade dos equipamentos utilizados pela Marinha do Brasil”, afirmou o Capitão-de-Corveta Fajard, Chefe do Departamento de Armamento da F44.

“Os exercícios simulam os procedimentos e as manobras que o navio faria diante de uma situação real de guerra. São executados disparos de torpedo e lançamento de alvos ao mar para verificar se o sistema de armas antissubmarino está funcionando adequadamente”, afirma o Capitão-Tenente Marcelo Werneck, Encarregado da Divisão O-2, onde atua

como Oficial de Controle de Guerra Antissubmarino e Oficial de Guerra Eletrônica da Fragata “Independência”.

LANÇAMENTO DO MÍSSIL “ASPIDE”

No dia 4 de maio, ocorreu um dos momentos mais esperados da operação. No evento, a Fragata norte-americana USS “Tach”, lançou um alvo



Fragata “Independência” lança míssil “*Aspide*”





“A operação foi um sucesso absoluto. Tivemos muitos recursos dispersos, **muitas nações e, mesmo assim, rapidamente construímos um time coeso, onde pudemos operar juntos e eficientemente ”.**

Capitão-de-Mar-e-Guerra Mark Weeks, Comandante do GT norte-americano

BALANÇO FINAL

Ao final da operação, foi realizada, em Rio Grande (RS), uma reunião entre os representantes das Marinhas envolvidas para avaliar o exercício. Um dos participantes, o Capitão-de-Corveta Steve Coffee, Oficial da Marinha norte-americana, que estava embarcado na Fragata “Independência”, afirmou que “a estrutura dos navios da Marinha americana e da Marinha brasileira é muito semelhante. O relacionamento entre Praças e Oficiais da tripulação é muito parecido”.

O Capitão-de-Mar-e-Guerra Mark Weeks, Comandante do GT norte-americano afirmou que “a operação foi um sucesso absoluto. Tivemos muitos recursos dispersos, muitas nações e, mesmo assim, rapidamente construímos um time coeso, onde pudemos operar juntos e eficientemente”. Segundo ele, o grande legado da UNITAS é “a parceria, a capacidade de manter a segurança regional e o investimento feito pelos nossos países e Marinhas para trabalharmos juntos e sermos capazes de estar numa posição de responder rapidamente a qualquer crise” ⚓



Mergulhadores de Combate em ação durante a “UNITAS”

Operação “ÁGATA 1”

segurança na fronteira

Por Primeiro-Tenente (RM2-T) Karla Nayra Fernandes Pereira

Fotos: Comando do 9º Distrito Naval



Combater delitos transfronteiriços e ambientais na faixa de fronteira da Amazônia, reduzir os índices de criminalidade, intensificar a presença do Estado brasileiro na área, apoiar a população residente na região da faixa de fronteira e a cooperação com países amigos vizinhos do Brasil no combate aos ilícitos transfronteiriços foram os propósitos da Operação “ÁGATA 1”, realizada no período de 5 a 19 de agosto de 2011, na Amazônia Ocidental, que contou com a participação de mais de três mil militares.

No dia 8 de junho de 2011, a Presidenta da República, Dilma Rousseff, anunciou o Plano Estratégico de Fronteiras, que deu início a uma série de ações para mudar os rumos da segurança das fronteiras do País, composto por duas grandes operações: a Operação “Sentinela”, coordenada pelo Ministério da Justiça, com apoio logístico das Forças Armadas, e a Operação “ÁGATA 1”, conduzida pelo Ministério da Defesa com o apoio do Ministério da Justiça.

A Operação “ÁGATA 1” foi realizada na Região Norte do Brasil, quando as Forças Armadas, em parceria com instituições civis e órgãos de segurança pública federais e estaduais, intensificaram as ações de fiscalização, a fim de combater e inibir crimes na faixa de fronteira.

As duas semanas de atividades ostensivas resultaram na desativação de garimpos ilegais e na destruição e interdição de pistas de pouso clandestinas. Além disso, houve a apreensão de produtos sem documentação, de madeira nobre e drogas, além de desativação de madeireiras que funcionavam ilegalmente.

BRASIL E COLÔMBIA UNEM-SE PARA COMBATER CRIMES TRANSNACIONAIS

Um dia antes do início da operação, os governos do Brasil e da Colômbia assinaram, em Tabatinga (AM), o Plano Binacional de Segurança

“Manter o controle das fronteiras terrestres é uma missão desafiadora”. Ministro da Justiça, José Eduardo Cardozo

Fronteiriça. Coerente com a Operação “ÁGATA 1”, o acordo prevê o combate aos ilícitos na faixa de fronteira entre os dois países, visando ampliar a cooperação em matéria de segurança e o desenvolvimento sustentável da Amazônia, bem como o fortalecimento do relacionamento político e estratégico e o atendimento às necessidades básicas da população local.

“Manter o controle das fronteiras terrestres é uma missão desafiadora”, revelou o Ministro da Justiça, José Eduardo Cardozo. “A Colômbia é um país irmão e que tem uma perspectiva de controle de fronteiras. Vemos esse acordo não como um acordo isolado, mas pragmático, que servirá de exemplo na perspectiva de somar esforços com países com os quais temos fronteiras”, afirmou.

A linha de fronteira que separa o Brasil da Colômbia percorre mais de 1,6 mil quilômetros de extensão.

“A Marinha faz o controle da região fronteira empregando Navios-Patrolha Fluviais, Navios de



Militares da Marinha do Brasil realizam ações de Inspeção Naval

“A Marinha faz o controle da região fronteira empregando Navios-Patrolha Fluvial, Navios de Assistência Hospitalar, militares do Batalhão de Operações Ribeirinhas e helicópteros do Esquadrão HU-3”

Comandante da Força Naval Componente e Comandante do 9º Distrito Naval, Vice-Almirante Antonio Carlos Frade Carneiro

Assistência Hospitalar, militares do Batalhão de Operações Ribeirinhas e helicópteros do Esquadrão HU-3”, explica o Comandante da Força Naval Componente e Comandante do 9º Distrito Naval, Vice-Almirante Antonio Carlos Frade Carneiro. Os meios navais, aeronavais e de fuzileiros navais empregados atuaram em ações de Patrulha e Inspeção Naval e em Ações Cívico-Sociais nas calhas dos Rios Solimões, Içá, Japurá e Negro.

O Comando do 9º Distrito Naval empregou os Navios-Patrolha Fluviais (NPaFlu) “Pedro Teixeira”, “Amapá” e “Roraima”, os Navios de Assistência Hospitalar (NAsH) “Doutor Montenegro” e “Oswaldo Cruz”, duas aeronaves UH-12 “Esquilo”, além de meios da Capitania Fluvial de Tabatinga e do Batalhão de Operações Ribeirinhas.

A logística foi um dos maiores desafios enfrentados, de acordo com o Comandante da Operação, General-de-Exército Luiz Carlos Gomes Mattos. Mesmo assim, ele afirmou que os resultados em relação



NPaFlu “Pedro Teixeira” (P20) e NAsH “Doutor Montenegro” (U16)

à inibição de delitos transfronteiriços e ambientais foram alcançados e alertou que “o mesmo empenho da operação no Brasil está sendo desenvolvido pelas Forças Armadas da Colômbia, no outro lado da fronteira”.

PATRULHA E INSPEÇÃO NAVAL

“O que a Marinha está realizando na Operação ‘ÁGATA 1’ é uma aplicação mais intensa do nosso cotidiano, de realizar atividades de Patrulha e Inspeção Naval. A novidade é que estamos atuando de maneira integrada com o Exército e com a Força Aérea, além da participação de instituições civis e órgãos de segurança pública”,

afirmou o Comandante da Flotilha do Amazonas, Capitão-de-Mar-e-Guerra Joaquim Henrique Rocha.

Ele estava a bordo do NPaFlu “Pedro Teixeira”, no alto Solimões, acompanhando a operação que concluiu os trabalhos com quase três mil embarcações inspecionadas. Para ele, a população local apenas percebeu um contingente maior na região, mas não se surpreendeu com as ações da Marinha, pois já está acostumada com a presença das Lanchas de Ação Rápida (LAR), que fazem um trabalho diuturno na manutenção da segurança do tráfego aquaviário, executando Patrulhas e Inspeções Navais.



O sentimento de segurança também é percebido na população local. É o caso, por exemplo, da dona de casa Roseli Barbosa, que ao ser abordada por uma LAR comentou que a presença de militares na área é fundamental para manter a ordem na região fronteiriça. “Eu acho muito bom que vocês estejam aqui em grande quantidade, com tantos homens fardados para manter a segurança na região”, afirmou.

INTEGRAÇÃO

Com a participação da Polícia Federal, da Força Nacional de Segurança, do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente

e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA), da Fundação Nacional do Índio (FUNAI) e da Receita Federal, foi possível atuar de maneira completa

e abrangente. Por diversas vezes, representantes desses órgãos embarcaram nas LAR para viabilizar suas atividades. O Auditor Fiscal da Receita Federal,



Integrantes da Polícia Federal participam das ações em embarcações da Marinha



Helicóptero UH-12 “Esquilo” pousa no NPaFlu “Pedro Teixeira”

Roberto Vaz Goes, citou que a infraestrutura prestada pela Marinha foi fundamental para facilitar o trabalho das equipes de inspeção. “Com a infraestrutura de vocês foi possível percorrer grandes distâncias pelos rios. Sem o apoio da Marinha, é praticamente impossível conseguir um efetivo controle daquilo que está cruzando os rios que fazem divisa com nosso País”.

O Superintendente da Polícia Federal, Sérgio Lúcio, comentou que na fase preparatória da Operação “ÁGATA 1”, contou com o apoio da Marinha do Brasil na apreensão de 300 kg de cocaína. “O apoio recebido das Forças Armadas é fundamental para visitar e desativar garimpos ilegais, entre outras atividades da Polícia Federal na faixa de fronteira”.

NAVIOS DA ESPERANÇA

Em meio às ações de Patrulha e Inspeção Naval, os NAsH “Oswaldo Cruz” e “Doutor Montenegro”, também conhecidos como “Navios da Esperança”,

levavam um pouco de alívio às localidades mais distantes. Na comunidade de Belo Horizonte (AM), por exemplo, os moradores só conseguem chegar ao posto de saúde mais próximo, por meio de barcos, o que demanda tempo e esforço.

A maior parte das doenças que atingem a população ribeirinha está diretamente ligada às condições precárias de higiene. Como as comunidades são longínquas, muitas vezes elas não possuem

rede de esgoto e tratamento de água. Por isso, além de consultar e medicar, os profissionais de saúde da Marinha também ministram palestras, a fim de orientar sobre cuidados básicos de higiene.

Os atendimentos médicos e odontológicos totalizaram 2.257. Os pacientes também receberam atendimentos de enfermagem, laboratoriais e pequenas cirurgias. Além disso, o NAsH “Doutor Montenegro” realizou 100 mamografias, utilizando o mamógrafo que possui a bordo.

A senhora Maria Lucimar Almeida tinha dúvidas sobre a função do mamógrafo. “Eu não sabia qual era a utilidade do exame de mamografia, agora eu sei e vou me prevenir contra o câncer”, afirmou. Embora o atendimento hospitalar tenha sido mais intenso durante a operação, os NAsH percorrem os rios atendendo às populações ribeirinhas durante todo o ano, na Região Amazônica e no Pantanal. Além dos dois navios que participaram da operação, a Marinha do Brasil dispõe, ainda, de três outros NAsH: “Carlos Chagas” e “Soares de Meirelles”, que atuam na Região Amazônica e “Tenente Maximiano”, na Região do Pantanal. ⚓



Ações de Assistência Hospitalar à população ribeirinha

Muito estudo e disciplina

A rotina dos alunos do Colégio Naval

Por: Segundo-Tenente (RM2-T) Vanessa Rosana Soares da Silva Oliveira

Fotos: Segundo-Sargento (FN) Alan da Silva Fonseca



Às 6h, há toque de alvorada. Acordar, arrumar a cama, deixar os lençóis e travesseiros bem esticados e alinhados, vestir o uniforme do dia para depois reunirem-se no pátio interno do prédio principal e se dirigirem ao rancho para o café da manhã. É assim que começa a rotina diária dos alunos do Colégio Naval.



que englobam matemática, biologia, química, geografia, história, português, informática, inglês, espanhol, física, sociologia, filosofia e Instrução Militar Naval (IMN).

O dia a dia daqueles que lá estudam segue uma apertada rotina, visando adaptá-los, desde cedo, à carreira militar, buscando proporcionar uma sólida formação intelectual, moral e militar-naval.

Além da preocupação com a parte acadêmica, é preciso dar atenção à atividade militar. Por isso, todos os dias após os três primeiros tempos de aula, exceto às sextas-feiras, os alunos reúnem-se no pátio interno para uma Parada Escolar e Desfile em continência ao Comandante do Corpo de Alunos (COMCA). Na Parada, são verificados o apuro dos uniformes e a apresentação pessoal. Há, ainda, atividades de Ordem Unida (instrução militar) e canto de hinos. Depois, retornam para as salas e cumprem o 4º, 5º e 6º tempos de aula.

Após o almoço, os alunos cumprem o 7º e 8º tempos, que consistem em atividades físicas e práticas de esportes. Nesse período, são realizados, também, os treinos das equipes representativas do CN que competem em várias

O Colégio Naval (CN) é uma conceituada Instituição de Ensino Médio da Marinha do Brasil, situado há 60 anos - completados em 15 de agosto de 2011 -, na Enseada Batista das Neves, na turística cidade de Angra dos Reis (RJ). Sua história, contudo, remonta ao século XIX quando, em 28 de dezembro de 1876, foi efetivada a sua criação por Decreto assinado pela Princesa Isabel, enquanto ocupava a regência do trono. Sua primeira sede foi no Arsenal de Marinha da Corte, atual Arsenal de Marinha do Rio de Janeiro.

A formação de grande parte dos Oficiais de Marinha começou em seus pátios e salas de aula, tendo em vista que a maioria dos Aspirantes que ingressam na Escola Naval tem sua origem proveniente dos bancos escolares do CN.

O dia a dia daqueles que lá estudam segue uma apertada rotina, visando adaptá-los, desde cedo, à carreira militar, buscando proporcionar uma sólida formação intelectual, moral e militar-naval.

A ROTINA DIÁRIA

Após o café reforçado, os estudantes passam por seis tempos de aula

Aula prática de navegação





Atividade esportiva faz parte da rotina dos alunos

modalidades, como basquete, futebol, natação, remo, vela, vôlei, entre outras. Em seguida, jantam, fazem a revista do recolher (verificação da presença de todos os alunos) e encaminham-se novamente às salas, dessa vez para o estudo obrigatório. Ao final do dia, ceiam, e às 22h, o toque de silêncio confirma que chegou a hora de dormir.

Como o Colégio Naval é uma instituição militar e sua base está fundamentada na hierarquia e na disciplina, os alunos ingressantes aprendem a prestar continência (cumprimento militar) e tratar com respeito os “mais antigos” (que entraram antes no CN). Os alunos passam de segunda à sexta sem licença, porém, segundo o atual COMCA, o Capitão-de-Fragata José

Coelho de Britto Neto, a distância dos familiares é amenizada com muita conversa, com o convívio na própria turma e com atividades extra-curriculares.

Para o Coordenador e Instrutor de Informática, Jules Heitor Delcourt, mesmo a rotina sendo apertada e tendo a condição do regime de internato, vale a pena estudar na Instituição. “É um excelente colégio. O aluno sai daqui preparado, principalmente para ingressar na Escola Naval”.

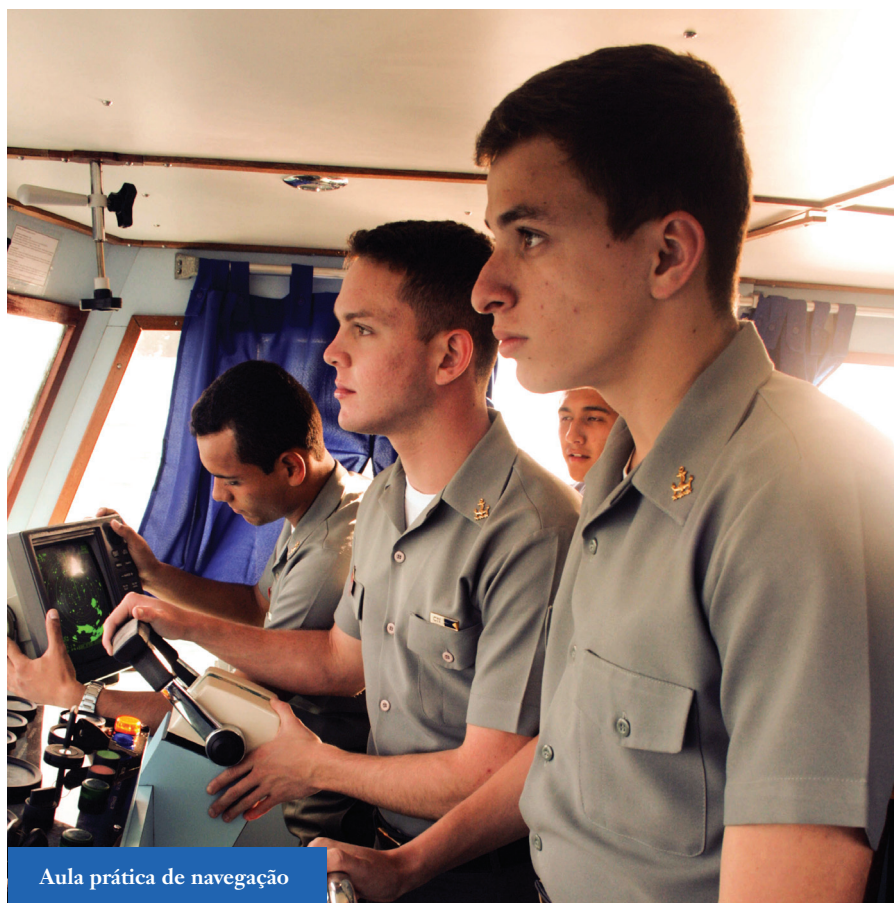
Essa afirmação é respaldada pelos excelentes resultados que os alunos

alcançaram na 6ª Olimpíada Brasileira de Matemática, ocorrida em 2010, com participações de diversas instituições de ensino, e cuja premiação foi no dia 22 de junho de 2011, com a presença da Presidenta da República Dilma Rousseff. Na ocasião, os alunos do CN receberam quatro medalhas de ouro, cinco de prata e dez de bronze.

ATIVIDADES EXTRACURRICULARES

Mas nem só de estudo e instruções militares vivem os alunos do Colégio Naval. Desde 21 de novembro

“É um excelente colégio. O aluno sai daqui preparado, principalmente para ingressar na Escola Naval”.
Coordenador e Instrutor de Informática, Jules Heitor Delcourt



Aula prática de navegação

“São proporcionados eventos esportivos, culturais e sociais que irão fornecer aos alunos não somente uma formação puramente acadêmica, mas também a formação de um cidadão com valores morais e éticos”.

Capitão-de-Mar-e-Guerra Joése de Andrade Bandeira Leandro, Comandante do Colégio Naval

Felipe veio de Salvador, aos 17 anos, e é um dos 103 alunos residentes, como são conhecidos os estudantes de outros estados, que não do Rio de Janeiro, que raramente voltam para seus lares.

De acordo com o Comandante do Colégio Naval, Capitão-de-Mar-e-Guerra Joése de Andrade Bandeira Leandro, as atividades extracurriculares são um diferencial da Instituição. “São proporcionados eventos esportivos, culturais e sociais que irão fornecer aos alunos não somente uma formação puramente acadêmica, mas também a formação de um cidadão com valores morais e éticos”.

O CORPO DE ALUNOS

A estrutura hierárquica do Corpo de Alunos é composta pelos Comandante e Imediato do Corpo de Alunos e seis Comandantes de Companhias, Oficiais de Marinha que tem a tarefa de coordenar e instruir os alunos dos três anos do CN.

Existe, também, o Comandante-Aluno, pertencente ao 3º ano escolar. Ele é assim chamado por ter obtido, entre os demais, a melhor classificação nas avaliações do 2º ano. Seguindo-se a ele, vem o

de 1951, os estudantes contam com a Sociedade Acadêmica Greenhalgh (SAG), que tem por finalidade estreitar os laços de estima, camaradagem e solidariedade, promovendo o aprimoramento sócio-cultural dos alunos, por meio de atividades sociais, esportivas e culturais em geral; intercâmbio com entidades congêneres, nacionais

ou estrangeiras; e atividades de lazer e recreação.

Para Felipe de Oliveira Lopes, 19 anos, estudante do 3º ano, o fato de integrar a equipe de vela é estimulante. As atividades ocorrem principalmente nos finais de semana. “Nós temos competições de regata aqui em Angra e, eventualmente, em outros lugares”.



Velejar é uma das atividades desportivas praticadas no Colégio Naval



Formaturas fazem parte da rotina dos alunos

Imediato-Aluno, os Comandantes-Alunos de Batalhões, de Companhias e de Pelotões, todos do 3º ano.

Entre os alunos, a hierarquia também é observada. A estrutura organizacional contempla o estabelecimento de postos de comando para que os futuros Aspirantes a Oficial tenham a experiência em sua fase acadêmica do que encontrarão, após formados, nas Organizações Militares da Marinha.

Assim, conforme as médias obtidas ao longo de cada ano, os alunos são

classificados, um a um, dentro de sua turma, firmando, assim, a hierarquia entre eles, conhecida no meio militar como antiguidade.

Para o atual Comandante-Aluno, Willian Emanuel Souza de Oliveira, de 18 anos, atingir essa colocação não é nada fácil. “É uma condição de privilégio que deve ser batalhada e conquistada a cada momento”.

O uso do uniforme previsto pelo Regulamento de Uniformes da Marinha é obrigatório. A identificação do

ano escolar é feita através da quantidade de estrelas na platina ou na insígnia. Os alunos do 1º ano usam uma estrela, do 2º ano, duas estrelas e os do 3º ano, três estrelas. Quanto maior for a quantidade de estrelas, maior a responsabilidade e a antiguidade.

A responsabilidade que os mais antigos assumem é muito grande e deles é exigido o efetivo controle de todos os demais integrantes do Corpo de Alunos, contribuindo, assim, para a formação militar-naval de todos. Tal hierarquia torna-se um estímulo para que cada um supere seus limites em busca de uma classificação melhor de um ano para o outro, melhorando o desempenho acadêmico de forma geral.

COMO INGRESSAR NO COLÉGIO NAVAL

Os requisitos para ingresso no Colégio Naval, bem como em outros estabelecimentos de ensino da Marinha do Brasil podem ser obtidas acessando-se a página da Diretoria de Ensino da Marinha na Internet (www.ensino.mar.mil.br) 



Fachada do Colégio Naval

A importância do Brasil no cenário esportivo mundial nunca foi tão grande como nesta década. Após sediar os Jogos Pan-americanos de 2007, o Rio de Janeiro foi palco dos 5º Jogos Mundiais Militares (JMM) – Rio 2011, o maior evento esportivo militar do mundo. Agora, o País se prepara para receber a Copa das Confederações, em 2013, a Copa do Mundo de Futebol, em 2014, e os Jogos Olímpicos de 2016.

A 5ª edição dos JMM, promovida no Brasil, de 16 a 24 de julho deste ano, iniciou uma nova fase para as competições militares, que começaram a deixar os quartéis para ganhar espaço nas principais instalações olímpicas do País. O Brasil superou todas as expectativas, conquistando o 1º lugar no quadro geral de medalhas.

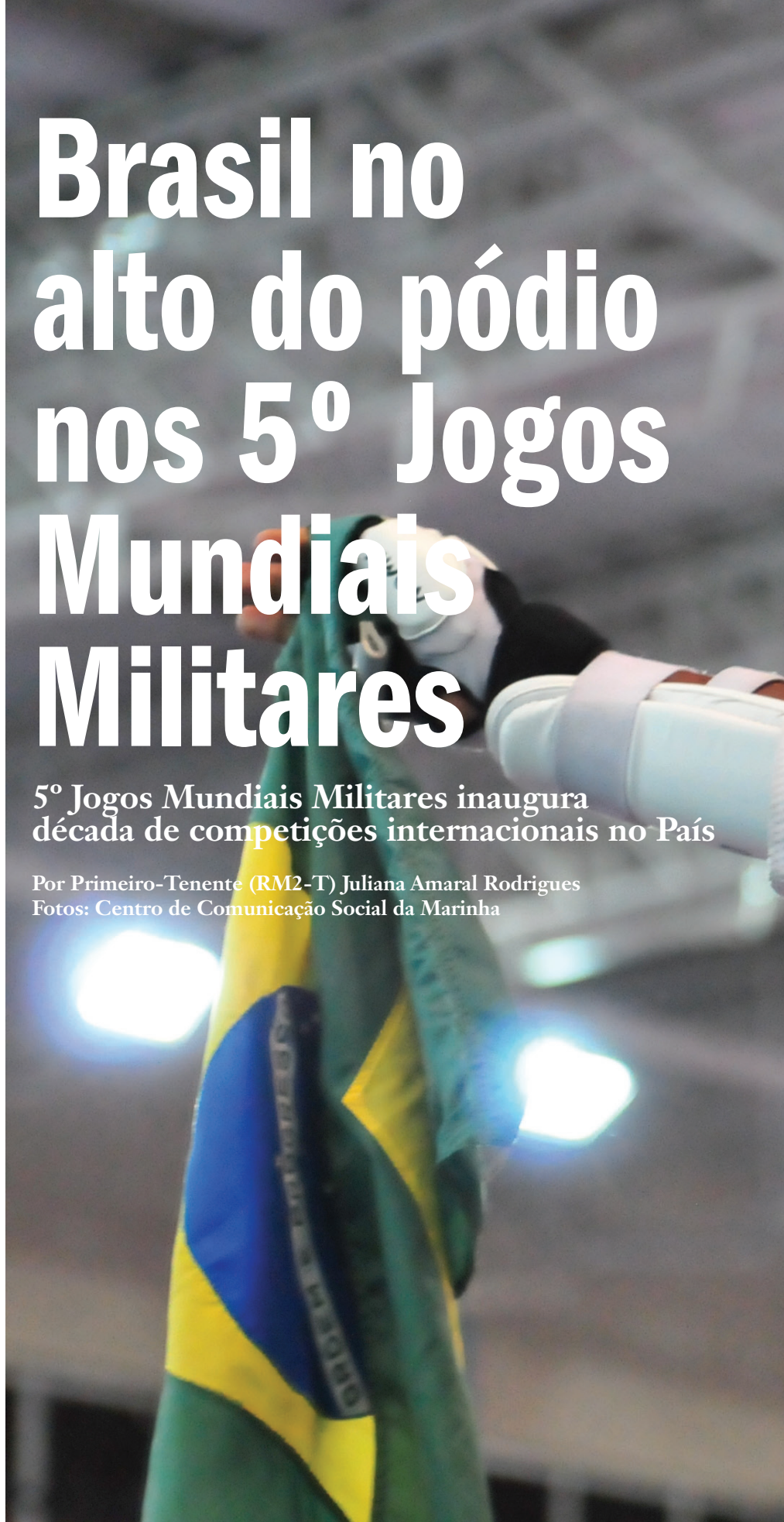
Cerca de 6 mil atletas de 111 países competiram em 20 modalidades esportivas, sendo 15 olímpicas (atletismo, basquete, boxe, esgrima, futebol, hipismo, judô, natação, pentatlo moderno, taekwondo, tiro esportivo, triatlo, vela, vôlei e vôlei de praia) e cinco militares (orientação, paraquedismo e os pentatlos naval, militar e aeronáutico). O vôlei de praia estreou nos Jogos como esporte de exibição. O Brasil levou 250 atletas aos ginásios e foi representado em todas as modalidades.

Brasil no alto do pódio nos 5º Jogos Mundiais Militares

5º Jogos Mundiais Militares inaugura década de competições internacionais no País

Por Primeiro-Tenente (RM2-T) Juliana Amaral Rodrigues

Fotos: Centro de Comunicação Social da Marinha





Marinheiro Diogo Silva vibra com a conquista da medalha de ouro



Cerimônia de abertura



Nomes consagrados do esporte brasileiro como o Rei do Futebol, Pelé, o tetracampeão do mundo, Romário, e o campeão mundial de boxe, Popó, marcaram presença apoiando os atletas brasileiros. Na cerimônia de abertura, a presença da Presidenta da República, Dilma Rousseff, confirmou a importância do acontecimento esportivo.

SOBRE OS JMM

Os Jogos são promovidos pelo Conselho Internacional do Esporte Militar (CISM) e acontecem a cada quatro anos, sempre no ano anterior aos Jogos Olímpicos. A Comissão Desportiva Militar do Brasil (CDMB) representa o País junto ao CISM e coordena os assuntos de desporto militar.



Marinheiro Diogo Silva conquistou a medalha de ouro em sua categoria no taekwondo

A 1ª edição dos JMM aconteceu em setembro de 1995, na Itália, e reuniu mais de 4 mil atletas de 93 países, que disputaram 17 modalidades esportivas. Na ocasião, o evento celebrou o aniversário de 50 anos do fim da Segunda Guerra Mundial e da assinatura da Carta das Nações Unidas.

Daí, surgiu o propósito principal dos 5º Jogos Mundiais Militares, que é promover a paz entre as nações por meio do esporte. Por esse motivo, o evento também é conhecido como Jogos da Paz. Baseado nisso, o consagrado desenhista e cartunista brasileiro, Mauricio de Sousa, criou a mascote Arion e a Tropa da Paz, composta por representantes das Forças Armadas Brasileiras (Marinha, Exército e Força Aérea) e das

Forças Auxiliares (Corpo de Bombeiros e Polícia Militar).

LEGADO ESPORTIVO

É certo que os Jogos Mundiais Militares vão deixar um importante legado para as Forças Armadas e para a sociedade, além de ter servido de teste para os eventos de porte internacional que o Brasil receberá nos próximos anos. O Centro de Educação Física Almirante Adalberto Nunes (CEFAN) e a Universidade da Força Aérea (UNIFA) são dois exemplos de estabelecimentos militares que receberam significativos investimentos em infraestrutura, tornando-se candidatos a sediarem treinamentos e competições olímpicas.

Os principais centros de treinamento militar e esportivo da Marinha, do Exército e da Força Aérea, localizados na capital fluminense, passaram por um processo de modernização, a fim de atender aos requisitos do CISM. O CEFAN, por exemplo, recebeu diversas benfeitorias: o ginásio poliesportivo, onde aconteceram as lutas de taekwondo, foi climatizado e ganhou um novo piso; foi revitalizado o parque aquático com piscinas olímpica e de saltos; e para as equipes do pentatlo naval, foram inauguradas uma pista de obstáculos de alto nível e outra de atletismo com piso importado do Canadá – o mesmo utilizado no Estádio Olímpico João Havelange (Engenhão).

É certo que os Jogos Mundiais Militares vão deixar um importante legado para as Forças Armadas e para a sociedade, além de ter servido de teste para os eventos de porte internacional que o Brasil receberá nos próximos anos.

O conforto dos atletas e das delegações não foi esquecido. Para atender a essa demanda, o CEFAN construiu um setor de hospedagem com 394 leitos, divididos em alas masculina e feminina.

Outras duas Organizações Militares da Marinha também foram reformadas. No Centro de Instrução Almirante Milciades Portela Alves (CIAMPA), foi construído um ginásio com capacidade para 600 espectadores, onde aconteceram as competições de boxe. A Escola Naval, que sediou as competições de vela, ganhou novas e modernas instalações para barcos.

VILAS DE ATLETAS

Para hospedar os atletas, comissões técnicas e árbitros durante os 5º Jogos Mundiais Militares, as Forças Armadas

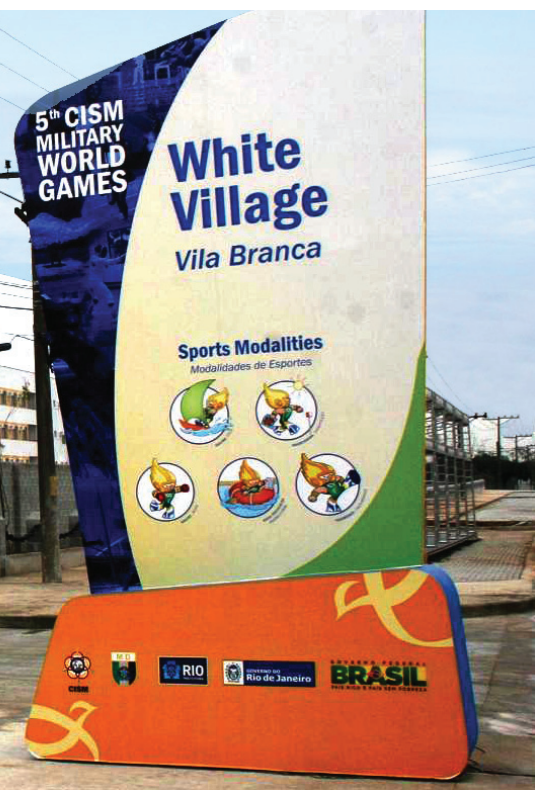


Fachada da Vila Branca

construíram três vilas militares. A Vila Branca, sob a responsabilidade da Marinha, recebeu cerca de 1.500 pessoas. Está localizada no bairro de Campo Grande, reunindo 22 blocos, com um total de 396 apartamentos.

As unidades possuem três quartos comuns e um reversível, dois banheiros, salas de estar e jantar, varanda, cozinha e área de serviço. Cada imóvel tem uma área de aproximadamente 112m².

A Marinha montou uma estrutura especial para facilitar, ao máximo, a vida dos esportistas. Lavanderia, restaurante, *lan house*, loja de *souvenir* e conveniência estavam à disposição. Os estandes de telefonia móvel, câmbio e correios funcionavam das 9h às 18h e uma pequena agência de turismo vendia pacotes de passeios pelo Rio de Janeiro. Com o término das competições, as Vilas Militares serão destinadas à moradia de Oficiais e Praças das três Forças Armadas.



A Competição de vela ocorreu na Baía de Guanabara, nas proximidades da Escola Naval

BRASIL É 1º LUGAR NO QUADRO GERAL DE MEDALHAS

O Brasil realizou um feito inédito nos 5º Jogos Mundiais Militares - Rio 2011, alcançando o 1º lugar no quadro geral de medalhas. Após a modesta 33ª posição conquistada na edição anterior dos jogos militares - que aconteceu em Hyderabad, na Índia, em 2007, quando apenas duas medalhas de prata e uma de bronze foram ganhas, as Forças Armadas brasileiras investiram em um projeto de longo prazo, com foco na atual edição dos Jogos e nas Olimpíadas de 2012 e 2016, por meio do recrutamento de atletas de alto rendimento para seus quadros.

O resultado mostrou que o investimento deu certo. Depois de ultrapassar os chineses no número de medalhas de ouro, no penúltimo dia, o Brasil consolidou a dianteira no último dia e encerrou a sua participação subindo ao pódio em 19 das 20 modalidades.

De um total de 114 medalhas, foram 45 de ouro, 33 de prata e 36 de bronze. Em segundo lugar, ficou a China, com

99 medalhas e, em terceiro, a Itália, com 51. Das medalhas conquistadas, os atletas da Marinha contribuíram, individualmente ou participando das equipes, com um total de 47 medalhas, das quais 20 foram de ouro, 13 de prata e 14 de bronze.

Antes mesmo do encerramento das competições, o Comandante da Marinha, Almirante-de-Esquadra Julio Soares de Moura Neto, fez um balanço positivo do evento. Ele comemorou os resultados alcançados e garantiu a continuidade do projeto de treinamento dos esportistas até 2016. "Isso aqui é o berço dos atletas que vão disputar as Olimpíadas de 2012, em Londres, e de 2016, no Brasil. Para 2016, temos cinco

De um total de 114 medalhas, foram 45 de ouro, 33 de prata e 36 de bronze. Em segundo lugar, ficou a China, com 99 medalhas e, em terceiro, a Itália, com 51.



Comandante da Marinha (ao centro) com os medalhistas do pentatlo naval

anos de preparação. Eu posso dizer que a Marinha continuará com seu projeto olímpico, apoiando todos os atletas que tenham capacidade de representar o nosso País nas Olimpíadas”.

A cerimônia de encerramento dos 5º Jogos Mundiais Militares, realizada no Estádio Olímpico João Havelange, na noite de 24 de julho, foi marcada pela satisfação do público e alegria

dos atletas pelo sucesso do evento esportivo. O Presidente da CDMB, Vice-Almirante Bernardo José Pierantoni Gambôa, demonstrou o orgulho que sentiu da equipe brasileira e atribuiu o resultado à preparação dos atletas militares. “Encaramos os jogos com seriedade. Há dois anos, nossos atletas vêm participando de campeonatos do CISM e de mundiais,

nas suas respectivas modalidades. O maior legado será a contínua busca da representatividade do nosso País em Londres, em 2012, e no Brasil, em 2016”. O Presidente do Conselho Internacional do Esporte Militar, Coronel Hamad Kalkaba Malbourn, de nacionalidade camaronesa, ressaltou os pontos fortes do evento, como a qualidade técnica e a infraestrutura oferecida aos atletas e às delegações.

Os próximos JMM serão disputados, em 2015, na cidade de Mungyeong, na Coreia do Sul, segundo país asiático a receber o evento. A Índia sediou em 2007.

CAMPEÕES NO PALÁCIO DO PLANALTO

Os atletas brasileiros que sentiram a emoção da vitória, o orgulho de receber a medalha e o reconhecimento do público, também foram homenageados pela Presidência da República. No dia 29 de julho, 70 medalhistas foram recebidos pela Presidenta Dilma Rousseff, no Salão Nobre do



Presidenta Dilma Rousseff recebe os medalhistas no Palácio do Planalto/Foto: Roberto Stuckert Filho



Marinheira Portela vibra com a sua medalha de ouro

Palácio do Planalto, em Brasília, que parabenizou cada um dos competidores, exaltando o desempenho e os resultados alcançados. “Vocês deram um exemplo de luta, de dedicação e de sucesso. A primeira vitória do Brasil em Jogos Mundiais Militares é fruto de um trabalho árduo e de uma excelência na organização. Parte da missão do Governo Federal é fazer com que estes atletas também estejam lutando por medalhas nos Jogos Olímpicos de 2016”.

DESTAQUES DA MARINHA

A exemplo de outros países, sobretudo do leste europeu, as Forças Armadas brasileiras recrutaram talentos consagrados no meio esportivo para representar o Brasil nos Jogos da Paz.

Com os resultados obtidos, os esportistas continuarão usufruindo da infraestrutura de treinamento das Forças Armadas, do apoio de médicos e fisioterapeutas, além do salário mensal. A medida se soma a outras iniciativas como o Bolsa-Atleta, num esforço para incentivar e remunerar atletas que se destacam em suas modalidades.

A certeza do sucesso do projeto foi fortalecida com a vitória do Brasil na 5ª edição dos JMM. O ouro

conquistado pelas brasileiras no futebol feminino é prova disso. “Quero agradecer o que a Marinha fez pelo esporte nesses últimos dois anos. Isso mostra que quando se dá estrutura e apoio, o resultado aparece”, defendeu a Marinheira Kátia Cilene, artilheira do campeonato com nove gols.

Nas competições de boxe, os pugilistas da Marinha dominaram os ringues do Ginásio “Gorro de Fita” (homenagem aos fuzileiros navais), construído especialmente para os jogos, no CIAMPA. O curioso é que boa parte dos boxeadores veio da Bahia e tem como ídolo o ex-lutador e atual

Deputado Federal Acelino de Freitas, o “Popó”. Para surpresa dos lutadores, o campeão mundial Popó foi ao ginásio conferir de perto o último dia de disputas, aproveitando para incentivar a nova geração. “Agradeço e parablenizo as Forças Armadas por darem oportunidade a estes talentos brasileiros, que, às vezes, ficam esquecidos. Hoje, o Brasil percebeu que o boxe está em alta, mas precisa de divulgação”.

Modalidade tradicional na Marinha, a vela conquistou medalhas nas três categorias disputadas. Ao final das regatas realizadas na Escola Naval,

“Quero agradecer o que a Marinha fez pelo esporte nesses últimos dois anos.

Isso mostra que quando se dá estrutura e apoio, o resultado aparece”.

Marinheira Kátia Cilene, artilheira do campeonato

durante cinco dias, a equipe masculina garantiu o ouro e a feminina



Popó esteve no ginásio do CIAMPA durante os Jogos

“Treinamos duro, nos esforçamos, por isso conseguimos as medalhas. Mas a grande diferença foi o entrosamento entre as meninas da equipe, a parceria e a união”.
Marinheira Martine Graef

levou uma medalha de ouro e outra de prata. A timoneira da equipe feminina, Marinheira Martine Graef, revelou qual foi o segredo para obter resultados tão positivos. “Treinamos duro, nos esforçamos, por isso conseguimos as medalhas. Mas a grande diferença foi o entrosamento entre as meninas da equipe, a parceria e a união”. Segundo ela, a relação de amizade e companheirismo que já existia, melhorou ainda mais desde que começaram a velejar juntas, há um ano. “A alegria nos leva a alcançar bons resultados e isso nos motiva cada vez mais”, enfatizou a campeã.

Nas entrevistas dos campeões mundiais e olímpicos era comum ouvir



A pista de obstáculos foi a primeira modalidade do pentatlo naval

elogios à infraestrutura disponibilizada pelas Forças Armadas. Foi o caso da consagrada triatleta e agora Marinheira, Fernanda Garcia, medalha de prata e bronze no triatlo. “Fiquei impressionada com a estrutura e com a organização do evento. Não esperava tanto. O Brasil não deixou nada a desejar

para as principais competições de triatlo do mundo”, avaliou orgulhosa.

A COMUNICAÇÃO SOCIAL DA MARINHA NOS JOGOS DA PAZ

Ao lado dos principais veículos de comunicação do Brasil e de dezenas de jornalistas internacionais, o Centro de Comunicação Social da Marinha (CCSM) realizou uma ampla cobertura do evento para as páginas da Marinha na Internet e Intranet, periódicos NoMar e Marinha em Revista, Rádio Marinha e redes sociais, como facebook, flickr e twitter.

Os militares delinearão ações de produção e divulgação de conteúdo e monitoramento da mídia, executando-as com o apoio de 30 militares do CCSM de Brasília e do Rio de Janeiro. Durante os nove dias de disputas, foram produzidos 37 vídeos para a TV Marinha na Web, 41 álbuns de fotos e 51 nomaronline, publicados no hot site criado especificamente para o evento 🚢

Comemoração da equipe feminina de vela



MINISTÉRIO DA DEFESA



MARINHA DO BRASIL

MINISTÉRIO DA DEFESA



MINISTÉRIO DA DEFESA
MARINHA DO BRASIL



LAAD 2011

Marinha participa da maior feira sobre defesa e segurança pública da América Latina

Por Primeiro-Tenente (RM2-T) Aline Barbosa da Fonseca
Fotos: Clarion Events / Segundo-Sargento (FN-IF) Alan da Silva Fonseca

LAAD

DEFENCE & SECURITY 2011



A oitava edição da *Latin America Aero & Defence* (LAAD) foi realizada no Rio de Janeiro, entre os dias 12 e 15 de abril de 2011, no Centro de Convenções do Riocentro.

Essa é a segunda edição da feira após a criação da Estratégia Nacional de Defesa (END). Realizada bienalmente, a LAAD é palco consagrado de encontros entre autoridades civis e militares e os principais fabricantes da indústria de defesa brasileira e mundial. Em razão da crescente importância do tema segurança pública em todo mundo, participaram 55 delegações de 53 países.

Na cerimônia de abertura, estiveram presentes o Presidente da República em exercício, Michel Temer; o

Governador do Estado do Rio de Janeiro, Sérgio Cabral; o Ministro da Defesa, Nelson Jobim; o Comandante da Marinha, Almirante-de-Esquadra Julio Soares de Moura Neto; o Comandante do Exército, General-de-Exército Enzo Martins Peri; e o Comandante da Aeronáutica, Tenente-Brigadeiro-do-Ar Juniti Saito.

Na ocasião, o Ministro Nelson Jobim destacou a importância de se dar um passo na direção correta, a fim de romper um novo limiar. “É necessário que saibamos construir um futuro que nos

interesse. Uma excelente oportunidade para começarmos na direção de um aparato de defesa mais moderno e robusto, onde as empresas nacionais desempenharão um papel primordial”.

De acordo com o Comandante da Marinha, a LAAD é uma grande oportunidade para o Brasil. “Temos que produzir nossos próprios armamentos, nossos próprios navios e nossas próprias aeronaves. Nós temos que ter domínio sobre a tecnologia e sobre a produção. A LAAD está trazendo uma quantidade enorme de expositores, o que abre um campo muito grande, não só para brasileiros, como, também, para todas as delegações que nos visitam”.



“Temos que produzir nossos próprios armamentos, nossos próprios navios e nossas próprias aeronaves. Nós temos que ter domínio sobre a tecnologia e sobre a produção. A LAAD está trazendo uma quantidade enorme de expositores, o que abre um campo muito grande, não só para brasileiros, como também para todas as delegações que nos visitam”.

Almirante-de-Esquadra Julio Soares de Moura Neto, Comandante da Marinha

governamentais desse setor; e uma área denominada Treinamento & Simulação.

MARINHA DO BRASIL

A Marinha do Brasil apresentou seus programas e projetos em um estande montado na feira. Entre eles, o Programa Nuclear da Marinha (PNM); o Programa de Desenvolvimento de Submarinos (PROSUB); o Sistema de Informações sobre Gerenciamento da “Amazônia Azul” (SisGAAz); o Sistema de Identificação e Acompanhamento de Navios a Longa Distância (LRIT); e o Sistema de Informação sobre o Tráfego Marítimo (SISTRAM).

Na área externa de exposições, foi possível conhecer viaturas militares, lanchas e aeronaves de asa rotativa.



Comandante da Marinha presente na feira

Entre elas, a mais moderna aeronave militar incorporada à Força Aeronaval, a EC-725 “Super Cougar”, denominada na Marinha como UH-15.

EXPOSITORES

Entre os expositores, contabilizou-se cerca de 550 empresas e instituições de mais de 35 países, especializadas no fornecimento de equipamentos e serviços para as Forças Armadas, polícias, forças especiais, serviços de segurança, além dos principais desenvolvedores de tecnologia de ponta em equipamentos, sistemas, dispositivos de proteção, tecnologia da informação, blindagens, simuladores, aeronaves, veículos e embarcações militares, sistemas de comunicação e sistemas integrados de comando e controle.

Dois novos setores foram apresentados: o *Space Zone*, que concentrou a indústria espacial e os órgãos



Vice-Presidente, Michel Temer, e Ministro da Defesa, Nelson Jobim, visitaram o estande da Marinha



Viaturas blindadas da Marinha foram expostas durante a LAAD

O Secretário de Ciência, Tecnologia e Inovação da Marinha, Vice-Almirante Ilques Barbosa Junior, destacou os principais projetos desenvolvidos pela sua secretaria. “O Centro de Análises de Sistemas Navais traz o SISTRAM e o LRIT. Os dois estão relacionados ao controle de tráfego de área marítima. No Instituto de Pesquisas da Marinha, temos diversos projetos apresentados, o mais importante deles envolvendo as Corvetas Classe ‘Inhaúma’ e, principalmente, a Corveta ‘Barroso’, com diversos equipamentos de guerra eletrônica e controle da propulsão. No Instituto de Estudos do Mar Almirante Paulo Moreira, um

dos mais importantes são os Biocidas Naturais para a preservação dos cascos dos navios”.

Promovido e organizado pela empresa Clarion Events, a feira contou com o apoio institucional do Ministério da Defesa e das Forças Armadas brasileiras, além do apoio da Associação Brasileira das Indústrias de Materiais de Defesa e Segurança (ABIMDE) e da Associação das Indústrias Aeroespaciais do Brasil (AIAB). Contou, ainda, com o apoio institucional do Colégio Nacional dos Secretários de Estado de Segurança Pública (CONSESP), do Conselho Nacional dos Comandantes-Gerais

das Polícias Militares e Corpos de Bombeiros Militares, do Conselho Nacional de Chefes da Polícia Civil (CONCPC) e do Conselho Nacional das Guardas Municipais (CNGM).

Sérgio Jardim, Diretor-Geral da Clarion Events, ressaltou que o crescimento do setor de segurança pública no evento reflete uma tendência mundial. “Aqui no Brasil, a integração entre Forças Armadas e segurança pública é um tema recorrente devido aos projetos em curso: segurança de fronteiras, proteção às riquezas e organização de eventos de grande visibilidade, como é o caso da Copa do Mundo e das Olimpíadas” 

Na área externa de exposições, foi possível conhecer viaturas militares, lanchas e aeronaves de asa rotativa. Entre elas, a mais moderna aeronave militar incorporada à Força Aeronaval, a EC-725 “Super Cougar”, denominada na Marinha como UH-15.



Tradição em heroísmo

Seção de Combate a Incêndio do Arsenal de Marinha do Rio de Janeiro

Por Segundo-Tenente (RM2-T) Juliana Leonel Vargas

Fotos: Segundo-Sargento (FN-CN) Alan da Silva Fonseca

Como o título da matéria diz, essa é a marca do trabalho realizado pela Seção de Combate a Incêndio do Arsenal de Marinha do Rio de Janeiro (AMRJ). Por meio do Alvará Régio, de 12 de agosto de 1797, de Dona Maria I, o Arsenal Real tornou-se o primeiro órgão público oficial no País responsável pela extinção de incêndios, até a criação do Corpo de Bombeiros do Rio de Janeiro, em 1860.

O artigo XII do Alvará Régio determinava à Direção do Arsenal: “terão sempre promptos bombas e todos os mais instrumentos necessários para se acudir promptamente não só aos incêndios da cidade, mas também aos do mar”. Assim, nasceu a primeira Seção de Combate a Incêndio no Brasil, no Arsenal de Marinha. Essa decisão foi devida à experiência e ao treinamento dos Marinheiros na extinção de fogo em embarcações e aos equipamentos que possuíam.

Com o lema “frente ao impossível, tentaremos”, a seção contribui de maneira essencial para a segurança das instalações, hoje com uma equipe composta por cerca de 40 bombeiros, entre militares e civis, que atua na Ilha das Cobras e no Complexo do Comando do 1º Distrito Naval. “Inclusive nas instalações industriais e obras localizadas nos navios em reparo no Arsenal de Marinha”, informa o Diretor do AMRJ, Contra-Almirante (EN) Arthur Paraizo Campos.

Subordinada à Divisão de Segurança, a Seção de Combate a Incêndio faz parte da área de Controle de Avarias do Arsenal. Para cumprir sua missão, o Grupo de Reparo Principal (GRP) dispõe de um caminhão de combate a incêndio, com capacidade para nove mil litros; dois caminhões pipa, com quatro mil litros cada; e quatro moto-bombas movidas à combustão, sendo duas delas portáteis e duas, maiores, rebocáveis pelo caminhão. “Essa bomba possibilita

Foto histórica da Seção de Combate a Incêndio do AMRJ

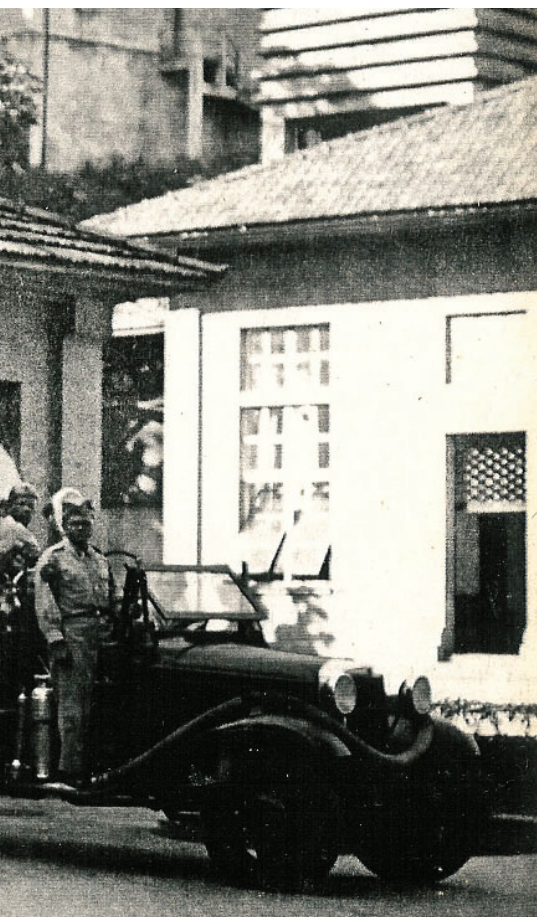


puxarmos a água do mar para suprimir o incêndio, repletando o tanque do caminhão ou alimentando diretamente as mangueiras”, explica o Encarregado, Primeiro-Sargento (MT) Ricardo Resende de Oliveira.

Há também roupas adequadas para se proteger do fogo, máscaras autônomas de respiração, além de viaturas utilizadas para a retirada de entulhos e para o controle de incidentes ambientais.

O COMBATE

Ao toque do alarme, os bombeiros imediatamente colocam-se a postos, formados para ir ao combate. “O primeiro caminhão a ir ao local do sinistro é o pipa. Os outros partem se for necessário”, explica o Sargento Resende. “Já há uma organização pré-estabelecida



A equipe em exibição de linhas de mangueira

das funções exercidas por cada um. Temos um motorista principal, responsável pela condução do caminhão e o motorista reserva. O restante dos bombeiros é dividido em linhas de mangueira: o número um de mangueira, por exemplo, é quem garante o esguicho e faz o primeiro combate. Os demais dão apoio a ele. Mas todos estão aptos a exercer todas as funções”.

O motorista reserva permanece na seção junto ao bombeiro denominado plotador oficial, responsável pela telefonia e por tomar nota de todas as ocorrências durante 24h. Acionado o alarme de incêndio, o Grupo de Reparo Auxiliar (GRA), composto por cerca de oito militares de serviço, forma e fica a postos na seção, caso sua atuação seja necessária. “Em casos mais graves, entramos em contato por rádio com a base. O motorista reserva conduz o caminhão pipa juntamente com esse pessoal para apoiar o GRP, evitando que o incêndio se alastre”, acrescenta o Sargento Resende.

“Essa bomba possibilita puxarmos a água do mar para suprimir o incêndio, repletando o tanque do caminhão ou alimentando diretamente as mangueiras”.

Primeiro-Sargento (MT) Ricardo Resende de Oliveira

No local do sinistro, o primeiro a agir é o chefe de reparo, que averigua as necessidades, o grau e a classe do incêndio. “A primeira providência



Bombeiros realizando aduchamento de mangueiras



Bombeiros paramentados para o combate

a ser tomada é o resgate de feridos, se houver. Na ausência de ambulância, fazemos os primeiros socorros”, diz Resende.

O mais antigo bombeiro em ação no Arsenal, Germano de Freitas Heredia, possui experiência de 35 anos e atua como plotador desde 2009. Ele foi número um de mangueira durante a maior parte de sua carreira. Ainda assim, afirma que, diante das surpresas de um incêndio, o bombeiro

“Quando saímos para agir, não temos filho, mulher, não temos família, e nem podemos ter. Nossa grande verdade é o ímpeto, a coragem”.

Germano de Freitas Heredia

não age com a emoção, mas sim com a razão. “Quando saímos para agir, não temos filho, mulher, não temos família, e nem podemos ter. Nossa grande verdade é o ímpeto, a coragem. Hoje, não saio mais, porém se a guarnição precisar, estou pronto para atuar”.

Sobre a importância da Seção do AMRJ, o Almirante Arthur Campos cita um evento recente de combate de sucesso. “Eles operaram num incêndio ocorrido na lancha ‘PROCION II’, do Centro de Instrução Almirante Wandenkolk (CIAW), em setembro de 2010. O combate foi realizado por grupos de Controle de Avarias do CIAW, do Navio Aeródromo ‘São Paulo’, do Corpo de Bombeiros do Arsenal de Marinha e do Corpo de

Bombeiros Militar do Estado do Rio de Janeiro. Todas as pessoas foram retiradas da embarcação com segurança”, relembra.

ROTINA DOS HEROIS

A rotina de um bombeiro não se resume somente em apagar incêndios. Também trabalham diariamente para a otimização dessa atividade, por meio da aplicação de adestramento; da manutenção dos hidrantes do AMRJ e das viaturas da seção; do controle dos materiais que compõem os caminhões; ou da fiscalização da manutenção dos extintores dos edifícios do AMRJ.

Os bombeiros atuam, também, em situações em que ocorram incidentes ambientais, como por exemplo contenção de óleo no mar. Mensalmente, são realizadas, ainda, inspeções de prevenção contra incêndios nas edificações, devidamente documentadas e mantidas arquivadas na seção. Caso sejam observadas discrepâncias nessas inspeções, o síndico da edificação é imediatamente comunicado, a fim de adotar as providências cabíveis.

O PREPARO DE UM COMBATENTE

Para tornar-se um bombeiro da Seção de Combate a Incêndio do AMRJ, deve-se realizar o curso de Controle de Avarias em Instalações de Terra (C-EXP-CAV-T), oferecido pelo Centro de Adestramento Almirante Marques de Leão. “O C-EXP-CAV-T começou

Exercício do Grupo de Reparo Principal





Equipe de Combate a Incêndio

a ser exigido, por ser uma área voltada para a construção civil. Atualmente, nosso foco é o combate a incêndio em edifícios”, explica o Sargento Resende.

HISTÓRICO DOS BOMBEIROS NO BRASIL

Em agosto de 1710, o corsário francês Jean François Duclerc, em missão de guerra, empreendeu um ataque que causou a destruição total da alfândega do Rio de Janeiro e um grande incêndio. Em 1732, violento incêndio de causa desconhecida destruiu considerável parte do Mosteiro de São Bento, próximo à atual Praça Mauá, que acabara de ser reconstruído. Em 1789, a destruição foi do Recolhimento da Nossa Senhora do Porto, causando profundo impacto junto à população e às autoridades. Na época, os trabalhos de extinção estavam a cargo do Arsenal da Marinha.

O combate era realizado por voluntários, milícias e aguadeiros com meios próprios. O Arsenal de Marinha, que fora criado em 1763, foi

“No terceiro capítulo (da monografia) apresento o Arsenal de Marinha do Rio de Janeiro como o primeiro órgão público responsável por combate a incêndio no Brasil”.
Tenente Paulo Farina

a repartição escolhida para extinguir os incêndios na cidade. Com o Decreto nº 2.587, de 30 de abril de 1860, tornava-se definitivo o Corpo Provisório de Bombeiros da Corte, passando à jurisdição do Ministério da Agricultura.

O Primeiro-Tenente (AA) Paulo Farina, da Coordenadoria-Geral do Programa de Desenvolvimento de Submarino com Propulsão Nuclear, é um entusiasta da preservação da memória dos bombeiros. Licenciado em história pela Universidade Gama Filho, ele defenderá, este ano, sua monografia sobre o tema: “O papel do Arsenal de Marinha do Rio de Janeiro na sociedade carioca no final do século XVIII”. “No terceiro capítulo, apresento o Arsenal de Marinha do Rio de Janeiro como o primeiro órgão público responsável por combate a incêndio no Brasil”.

O interesse sobre o tema surgiu quando assumiu a função de Encarregado da Seção de Combate a Incêndio, em janeiro de 2008 (função que exerceu até agosto de 2009), ao perceber que havia nos bombeiros navais o orgulho de fazer parte do primeiro Corpo de Bombeiros do Brasil .

Gente de Bordo

Gostar da vida a bordo e amar o que faz são atributos do Suboficial (MR) Eudonor Vicente Demostines Rodrigues, paraense, de 47 anos, casado, pai de dois filhos e Mestre da Fragata “Independência”.

Antes de embarcar na Fragata, o Suboficial Eudonor passou pela Corveta “Iguatemi”, Contratorpedeiro (CT) “Rio Grande do Norte”, CT “Paraíba” e agora, com mais de 29 anos de Marinha, 17 dos quais vividos a bordo de navios, sente-se privilegiado em encerrar sua carreira na Fragata “Independência”. Nesse período, 17 anos foram vividos a bordo desses navios.

Para Eudonor, trabalhar embarcado em um navio é uma ótima oportunidade de se desenvolver profissionalmente, vivenciar no dia a dia as atividades marinheiras e ainda conhecer diversos lugares dentro e fora do País. Entrevistamos o Suboficial durante a Operação “UNITAS LII”.

O que o motivou a entrar para a Marinha do Brasil?

Naquela época, fui incentivado por familiares e por amigos que serviam na Marinha.

Qual é a maior dificuldade e o maior benefício de servir em um navio?

A maior dificuldade é a distância da família, os longos períodos a bordo longe de casa. Entendo como benefício poder trabalhar fazendo o que eu escolhi e gosto.

Qual foi sua maior viagem e qual o maior tempo ininterrupto no mar?

Minha comissão mais longa foi uma viagem de três meses para o Canadá e já fiquei 26 dias ininterruptos no mar.

Qual é a principal responsabilidade do Mestre no navio?

O Mestre é responsável pela coordenação de todas as “fainas” marinheiras, como, por exemplo, o reabastecimento do navio no mar. A minha primeira atividade do dia é uma inspeção geral. Fiscalizo desde a parte marinheira até as instalações internas do navio, sempre prezando pelo adequado funcionamento e um bom ambiente de trabalho.

Como é o seu relacionamento com a sua equipe de trabalho, entre eles, Sargentos, Cabos e Marinheiros? O que diria a um Marinheiro que deseja servir no navio?

Procuro ter uma relação amigável com os meus subordinados. Sempre



Suboficial (MR) Eudonor Vicente Demostines Rodrigues

incentivo o trabalho em equipe e estímulo o crescimento profissional deles. O que aconselho a um Marinheiro que quer servir em um navio é que ele esteja sempre disposto a aprender e a se dedicar, agindo de forma pró-ativa.

Quais são seus planos para quando for para a reserva?

Meu plano é continuar trabalhando. Não penso em parar tão cedo, gosto de me sentir útil e manter a mente ocupada.

O que gosta de fazer nas horas vagas em que não está trabalhando?

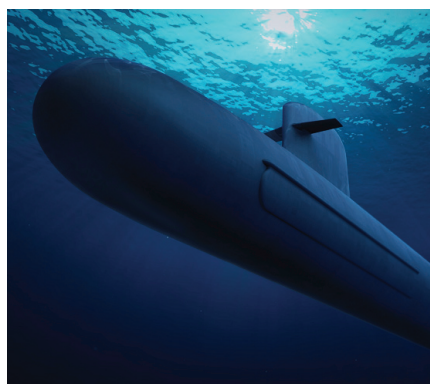
Já que fico tanto tempo longe, nas minhas horas vagas gosto mesmo é de ficar em casa, em São Pedro da Aldeia, curtindo a família, meus filhos e esposa. ⚓



Parcerias Estratégicas em Ciência, Tecnologia & Inovação (CT&I)

Almirante-de-Esquadra Julio Soares de Moura Neto – Comandante da Marinha

A Secretaria de Ciência, Tecnologia e Inovação da Marinha (SecCTM), sediada em Brasília (DF), foi criada em março de 2008, em decorrência da revisão da estrutura de Ciência, Tecnologia e Inovação (CT&I) da Marinha e da redefinição das atribuições de seus integrantes, a fim de aprimorar a gestão dos recursos humanos, de materiais e financeiros, destinados a essas atividades, a partir de 2008. Estão



subordinados à SecCTM o Instituto de Pesquisas da Marinha (IPqM), o Centro de Análises de Sistemas

Navais (CASNAV) e o Instituto de Estudos do Mar Almirante Paulo Moreira (IEAPM).

O IPqM, com sede na cidade do Rio de Janeiro, tem como atribuição o desenvolvimento de tecnologias necessárias à Marinha, tendo a responsabilidade de manter intercâmbio com os setores industrial, universitário e técnico-científico nas atividades de pesquisa e desenvolvimento de interesse.

O CASNAV, também sediado na cidade do Rio de Janeiro, tem as seguintes tarefas: realizar a avaliação operacional de sistemas e meios navais; pesquisar e desenvolver procedimentos e táticas de emprego para os sistemas e meios navais; projetar e desenvolver sistemas de informação para apoio à decisão; prestar assessoria técnica para a tomada de decisão aos diversos níveis de direção da Marinha; pesquisar e desenvolver algoritmos e sistemas aplicáveis à criptologia; prover apoio

tecnológico às atividades de manutenção de sistemas digitais operativos; e prover orientação técnica em suas áreas de competência.

O IEAPM, sediado em Arraial do Cabo (RJ), é responsável por planejar e executar atividades científicas, tecnológicas e de inovação nas áreas de oceanografia, meteorologia, hidrografia, biologia marinha, geologia e geofísica marinhas, acústica submarina, sensoriamento remoto, instrumentação oceanográfica e engenharias costeira e oceânica, a fim de contribuir para a obtenção de modelos, métodos, sistemas, equipamentos, materiais e técnicas que permitam o melhor conhecimento e a eficaz utilização do meio ambiente marinho, no interesse da Marinha do Brasil.

A SecCTM, acompanhando a expansão da comunidade científica brasileira na formação de recursos humanos pós-graduados, com titulação de mestre e doutor, iniciou, neste ano, ações



estratégicas para integrar experiências e fortalecer o setor.

Entre elas, a assinatura de Acordos de Cooperação Acadêmica entre a SecCTM, o Centro de Pesquisa e Desenvolvimento em Telecomunicações (CPqD), a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) / Fundação Coordenação de Projetos, Pesquisas e Estudos Tecnológicos (COPPETEC), a Universidade Federal Fluminense (UFF), e a Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), com o propósito de desenvolver o intercâmbio de informações e de técnicos.

As parcerias preveem a realização de programas de cooperação técnico-científicos, pesquisa aplicada, capacitação e treinamento de recursos humanos considerados de interesse

comum, incluindo parcerias em bolsas de estudos. A aproximação da Marinha do Brasil com a comunidade científica nacional cria a perspectiva promissora do apoio aos projetos de interesse da Marinha, em especial aos do Programa de Desenvolvimento de Submarinos (PROSUB).

Para facilitar, ainda mais, a sinergia e o estreitamento de laços com as universidades brasileiras, foram criados dois Núcleos de Ciência, Tecnologia e Inovação para a Marinha do Brasil. Um junto à UFF, na Escola de Engenharia, coordenado pelo CASNAV, e outro junto à UFRJ/COPPETEC, coordenado pelo IPqM.

A perspectiva é que essas relações venham impulsionar, em vários graus, a pesquisa e a produção de oportunidades na área de ciência,

tecnologia e inovação, proporcionando ao Brasil dar um grande salto na consolidação de uma relação que reúna conhecimentos, competências e ótimos resultados.

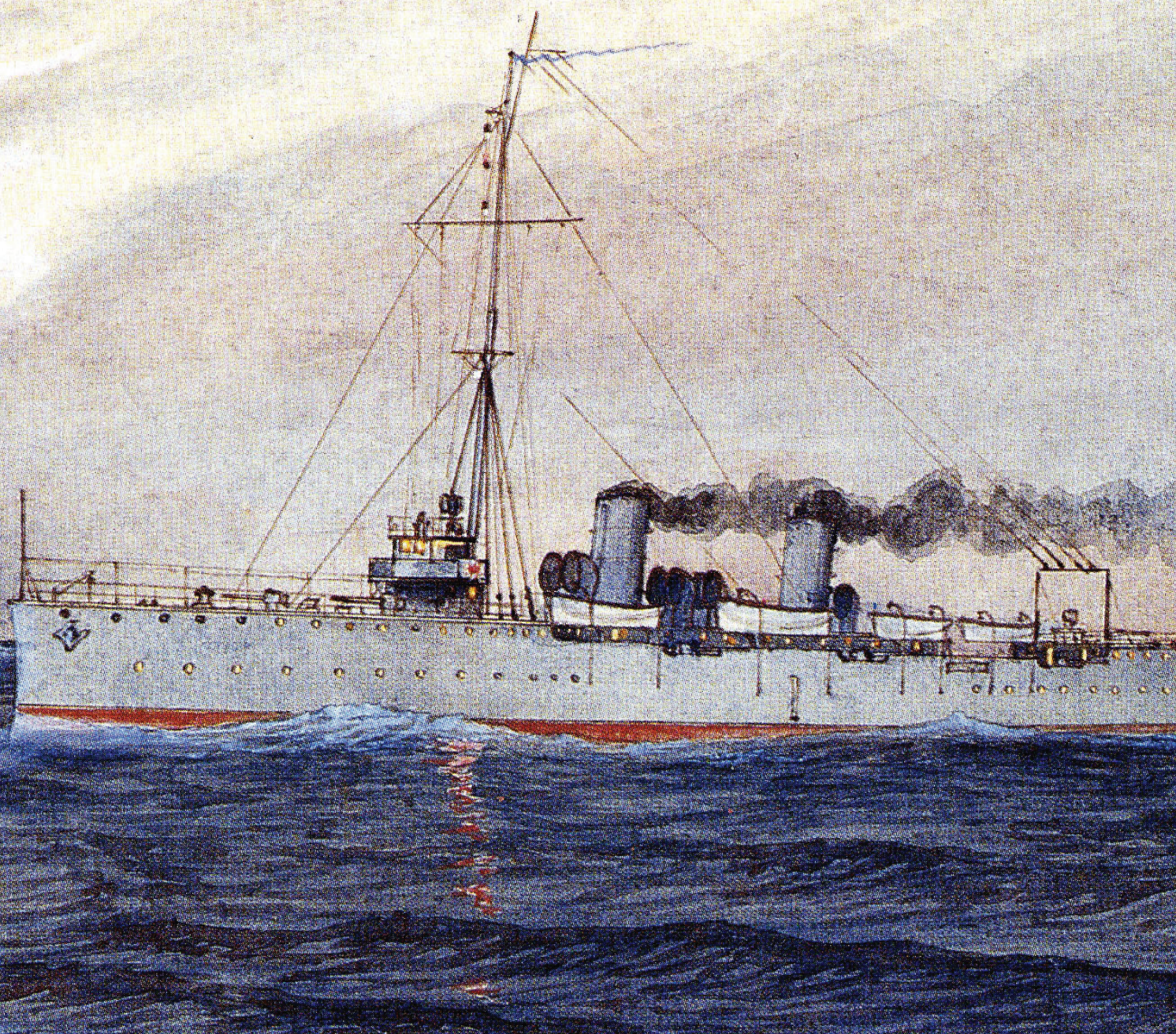
Essa integração entre as universidades e as instituições da Marinha certamente permitirão que os recursos humanos sejam ampliados, com a inserção de professores doutores, mestres e graduandos das universidades nos projetos da Marinha, aumentando a capacidade da Força em receber tecnologias e diminuir o tempo de entrega dos projetos, em especial aos de construção de submarinos e navios de superfície.

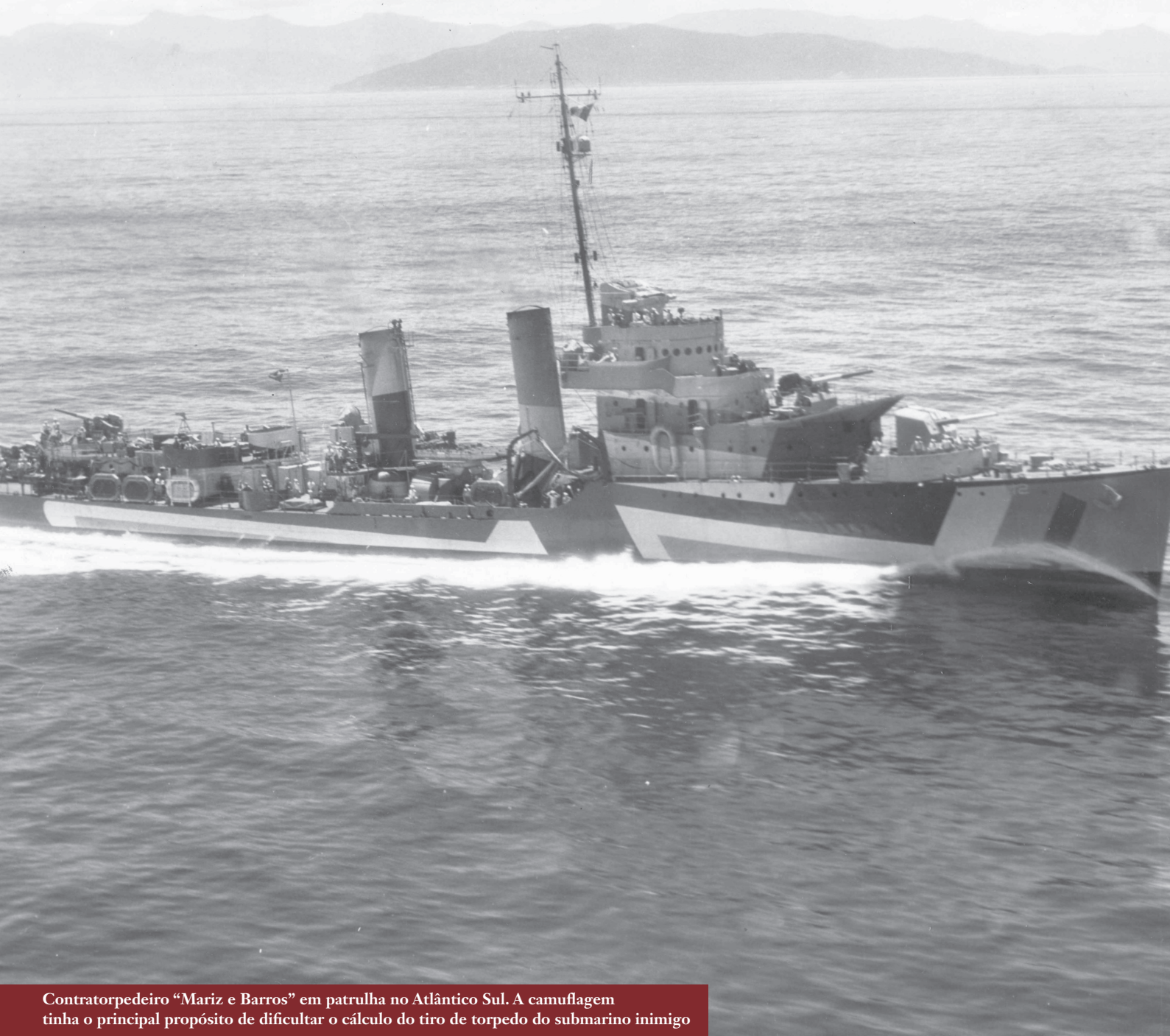
Todo esse processo é, sem dúvida, o início de um grande arrasto tecnológico para todo o Brasil, que permitirá ao País atingir um patamar compatível com a sua importância 

A Marinha do Brasil na “Campanha do Atlântico”

Por Vice-Almirante Armando de Senna Bittencourt

História Naval





Contratorpedeiro “Mariz e Barros” em patrulha no Atlântico Sul. A camuflagem tinha o principal propósito de dificultar o cálculo do tiro de torpedo do submarino inimigo

Ao longo da minha vida, tive o privilégio de conversar com pessoas da Marinha que participaram dos comboios da Segunda Guerra Mundial. Ficou-me a impressão do esforço e sacrifício em longos dias de mar, em pequenos navios, atentos dia e noite aos sons, o “ping” emitido pelo sonar do navio ou outros ruídos de bordo, mesmo quando dormiam. Tornaram-se capazes de

despertar, no meio da noite, quando se escutava um eco no sonar, que poderia indicar uma detecção de submarino inimigo; quando se alterava o som da máquina propulsora, por estar guinando, acelerando ou parando; ou quando havia algum ruído ou silêncio anormais.

A monotonia da rotina do comboio às vezes era quebrada por um ataque a submarino, lançando cargas

de profundidade. Passada a ameaça, voltava-se à posição na escolta e à normalidade.

Alguns deles enjoavam com os movimentos e acelerações dos navios de guerra que tripulavam - em geral, caça-submarinos. É difícil não enjoar em situações extremas de mar, mesmo se bons marinheiros. Uns se acostumam, outros não, mas para estes, o enjoo pode ser detestável, se muito

frequente ou por longos dias. Poucos privilegiados serviram em contratorpedeiros, navios maiores e relativamente mais confortáveis.

Foram anos de sacrifício, com meses de ausência do lar e separação das pessoas queridas. Os brasileiros devem muito a esses marinheiros que, de fato, prestaram um bom serviço ao País.

Há quase 70 anos, a Marinha do Brasil combateu na campanha militar mais longa da Segunda Guerra Mundial, a “Campanha do Atlântico” – erradamente chamada de batalha. Foi uma luta em que a Alemanha e a Itália, sem recursos para disputar o domínio do Oceano Atlântico, procuraram negar seu uso aos inimigos, atacando o tráfego mercante. Seus submarinos afundaram aproximadamente 2.600 navios mercantes e 175 navios de guerra, de diversas nacionalidades. Em contrapartida, os alemães perderam 784 submarinos, de um total de 1.162 construídos e, com eles, 28 mil homens de suas tripulações, mais de 68% do total recrutado para seus submarinos.

A participação do Brasil nesse conflito foi inevitável. O País era essencialmente agrícola e sua economia dependia principalmente da exportação de matérias primas e da importação de combustíveis e produtos industrializados. Não havia petróleo e o carvão mineral era de baixa qualidade, imprestável para vários empregos. Seu comércio internacional se fazia por mar e o esforço de guerra dos que combatiam os países do Eixo (Alemanha, Itália e Japão) necessitava muito das matérias primas brasileiras e, desesperadamente, das de clima tropical, cujas regiões produtoras na Ásia foram ocupadas pelo Japão. Nesse contexto global, ocorreu a agressão aos navios mercantes brasileiros por submarinos alemães e italianos, originando a causa da declaração de guerra pelo Brasil.

O País foi (mais uma vez em sua História) surpreendido por um conflito externo e a Marinha estava muito despreparada. Além de navios insuficientes, havia uma considerável defasagem tecnológica em relação aos países beligerantes.

Os governantes haviam se descuidado e falhado em dar a prioridade adequada à preparação do Poder Naval, provavelmente imaginando, de forma utópica, que o Brasil poderia sempre permanecer neutro, preservando seus interesses e não se metendo em guerras. Para agravar ainda mais a situação, não havia boas estradas interligando as regiões produtoras e as cidades consumidoras, estas principalmente concentradas em uma faixa próxima ao litoral. Seu suprimento dependia fortemente do transporte marítimo de cabotagem e correu-se um sério risco de desabastecimento, que teria graves consequências para a população. Foi necessário rationar diversos produtos.

Desde o início das hostilidades, coube à Marinha garantir o tráfego marítimo, com o apoio da Força Aérea Brasileira (FAB) e uma substancial ajuda dos Estados Unidos da América. Esse foi o principal e inevitável esforço militar brasileiro durante a Segunda Guerra Mundial. A estratégia adotada incluiu a formação de comboios



Submarino “Barbarigo”, um dos submarinos italianos que atuaram na costa brasileira atacando navios mercantes. A maioria dos submarinos, porém, era da Marinha da Alemanha

de navios mercantes protegidos por escoltas de navios antissubmarino. Foram realizados 575 comboios pela Marinha do Brasil, fazendo com que 3.164 navios mercantes de diversas nacionalidades chegassem a salvo aos seus portos de destino.

Na ocasião, a participação da FAB foi muito importante no patrulhamento da costa, juntamente com aviões norte-americanos, detectando e afundando submarinos do Eixo. A missão dos navios da Marinha era proteger os comboios para que chegassem ao destino. Eles não podiam se distrair em prolongar um ataque, até afundar um submarino, deixando o comboio desprotegido. Coube essa tarefa principalmente aos aviões.

O Exército Brasileiro também participou desse Teatro de Operações do Atlântico, mantendo a Artilharia de Costa guarnecida para dissuadir possíveis bombardeios de cidades do litoral por submarinos, o que felizmente não ocorreu. Houve, inclusive, a precaução de evitar luzes que pudessem ser vistas do mar. Usavam-se cortinas



A constante vigilância durante um comboio



Comboio escoltado por navios de guerra brasileiros durante a Campanha do Atlântico

pretas nas residências com vista para o mar das cidades costeiras, com a fiscalização da Defesa Civil. O deslocamento de tropas em navios para reposicionamento dos efetivos do Exército causou muitas vítimas entre seus militares, por torpedeamento.

Operaram na costa do Brasil 27 submarinos alemães e 10 italianos, que atacaram 17 navios brasileiros e afundaram 16 deles. Mas, considerando também o Mar Mediterrâneo, ocorreram 33 ataques do Eixo à Marinha Mercante Nacional, totalizando aproximadamente 980 perdas de vidas humanas, incluídos os 486 marinheiros mortos nos três navios da Marinha do Brasil que afundaram em operações na Segunda Guerra Mundial.

O “Vital de Oliveira” foi torpedeado e o naufrágio dos outros dois foi causado por acidentes durante operações de guerra. Os naufrágos do Cruzador “Bahia” passaram muitos dias no mar e poucos sobreviveram à falta de água e alimentos, ao sol do dia e ao frio da noite, à queimadura das águas-vivas e ao ataque de tubarões.

O que se percebe, ao analisar os acontecimentos da época e o grande esforço da Marinha e de seus marinheiros, é que o resultado da participação brasileira na “Campanha do Atlântico” foi satisfatório, mas exigiu um enorme esforço e sacrifício dos que nela atuaram 🚢



Almirante Alfredo Carlos Soares Dutra, Comandante da Força Naval do Nordeste durante a Campanha do Atlântico, na Segunda Guerra Mundial

Museu Naval

Exposição

O PODER NAVAL NA FORMAÇÃO DO BRASIL

A importância do Poder Naval para o País, desde o Descobrimento, e seu emprego permanente para manter a paz como desejada atualmente pelos brasileiros - uma exposição de história, tecnologia e arte.



*Um novo conceito de museu
para o século XXI, com
atividades educacionais e
interativas para incentivar
a consciência marítima.*

Rua Dom Manuel 15, Praça XV
Próximo ao Fórum
Rio de Janeiro

Aberto de terça a domingo,
das 12 às 17 horas

Informações:
(21) 2104-5506 / 5493

Figura de Proa da Corveta D^a Januária, de 1842.
Escultura em madeira, douração a ouro.



www.mar.mil.br

Venha navegar com a Marinha na Internet

Marinha do Brasil nas redes sociais

facebook

flickr

twitter

YouTube
Broadcast Yourself™



Centro de Comunicação Social da Marinha